# METODOLOGIAS INSURGENTES DE PESQUISA: O PENSAMENTO INDÍGENA EM DIÁLOGO

**MARIA APARECIDA BERGAMASCHI**[1]
*UFRGS , BRASIL*
*https://orcid.org/0000-0002-6028-4039*

**ANA LUÍSA TEIXEIRA DE MENEZES**[2]
*UNISC, BRASIL*
*https://orcid.org/0000-0002-9777-0022*

**MAGALI MENDES DE MENEZES**[3]
*UFRGS, BRASIL*
*https://orcid.org/0000-0001-6325-9595*

---

**RESUMO:** *Refletimos acerca do contexto teórico-metodológico-sensível que resultou no dossiê Caminhos metodológicos de pesquisa (com) indígenas, também aqui apresentado. Cada vez mais a presença autoral indígena se impõe nos espaços-tempos da pesquisa acadêmica, evidenciando epistemologias e metodologias próprias. Pesquisadoras(es) não indígenas que se dispõem a pesquisar com coletivos indígenas também aprendem nesse processo insurgentes e inovam em suas práticas investigativas. É disso que trata o presente dossiê, de uma postura intercultural entre pensamentos e metodologias do mundo indígena e do mundo acadêmico; postura que busca simetria e respeito aos(às) pesquisadores(as) e às pesquisas (com) indígenas.*

**PALAVRAS-CHAVE**: *Metodologias Indígenas. Pesquisas Indígenas. Interculturalidade.*

**ABSTRACT**: *We reflect upon the theoretical-methodological-sensitive context that resulted in the dossier: Methodological Paths of Indigenous Research (COM), also presented here. Increasingly, the indigenous authorial presence is imposed in the space-time of academic research, evidencing its own epistemologies and methodologies. Non-Indigenous researchers(s) who are willing to research with indigenous collectives also learn in this insurgent process and innovate in their investigative practices. This is what the present dossier is about, a cross/intercultural posture between thoughts and methodologies of the indigenous world and the academic world; a posture that seeks symmetry and respect for indigenous researchers and research.*

**KEYWORDS**: *Indigenous Methodologies; Indigenous Research; Interculturality*

---

[1] Professora Titular na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), integrante do Grupo de Trabalho CLACSO "Educación e Interculturalidad" e líder do Grupo de Pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade (CNPq/UFRGS). E-mail: cida.bergamaschi@gmail.com

[2] Doutorado em Educação (UFRGS), vice-líder do grupo de pesquisa Peabiru: educação ameríndia e interculturalidade, professora dos Programas de Pós-graduação em Educação e Psicologia da Unisc. Bolsista produtividade CNPq

[3] Doutora em Filosofia, pesquisadora e orientadora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: magaliufrgs@gmail.com

Como se constrói caminhos? Para onde vamos? O que carregamos quando caminhamos? O que vemos, sentimos, aprendemos ao caminhar? Quem encontramos? Com quem caminhamos? Como nosso corpo sente e se movimenta nesse caminhar? Nestas andanças percebemos que há caminhos que colonizam a terra, o corpo, os saberes, os conhecimentos, as metodologias; e há outros que se misturam na busca constante de aprender e reaprender a partir do encontro com paisagens, com gentes, com mundos. Os caminhos nos colocam diante do caminhar, onde substantivo e verbo se misturam. Sandra Benites[4] comenta sobre o caminhar na terra do povo Guarani e diz que "tem a ver com o futuro [...] a forma de memória ancestral tem a ver com o caminhar e a maneira de lidar com o mundo e a terra." Caminhar possui uma relação profunda com a vida e o tempo.

Foi imbuídas de muitas questões que iniciamos o encontro entre pesquisadoras(es) de duas universidades brasileiras, uma argentina e uma colombiana, propondo um espaço-tempo de trocas através do Seminário intitulado "Caminhos Metodológicos de Pesquisa Indígenas e Populares"[5], espaço-tempo de intersecções e aprendizagens interculturais em que foi gestado o presente dossiê. O Seminário buscou tecer, antes de tudo, caminhos de afeto, ou seja, buscamos compreender-sentir as densidades de tudo que (nos) afeta, que afeta a todas(os) aquelas(es) que se dispõem a caminhar. Para tanto, era preciso fazer dos encontros fontes de aprendizagens mútuas, pois, parafraseando Freire, "ninguém caminha sozinho, caminhamos juntas(os), mediatizados por desejos", potências de vida, resistências e re-existências. Tomamos estas duas expressões, presentes nas histórias e no caminhar indígena e fazemos diferenciações e aproximações: *resistência* como a capacidade de suportar as opressões coloniais e *re-existência* como força de criação, da invenção de outras formas de vida e de seguir caminhando. E assim pensamos que talvez a única forma de resistir é re-existir. Albán Achinte (2017) apresenta a re-existência como prática insurgente dos povos afro e indígenas, como forma de vida "alter(n)ativa" ao modelo hegemônico eurocêntrico.

A proposição do Seminário foi refletir os diferentes caminhos metodológicos a partir do encontro de pesquisadoras(es) caminhantes que pesquisam "com" coletivos indígenas e populares. Igualmente, significou uma profunda experiência de docência compartilhada. A dinâmica dos encontros foi, num primeiro momento, trazermos nossas próprias experiências de pesquisa, (nos) expondo como cada uma compreende as metodologias e os caminhos que percorremos ao fazer pesquisa. Para isso, expusemos perspectivas metodológicas e nossas vivências e interrogações sobre os desafios que surgem na prática investigativa, as quais compartilhamos aqui.

O Seminário "Caminhos Metodológicos de Pesquisa Indígenas e Populares" que mencionamos acima, e que enlaçou principalmente as duas

[4] Sobre o caminhar na terra. Capsula 1. SP-Arte. 11 de Nov 2021. <SP-arte.com/editorial/caminhar-na-terra-indigena-capsulas-jaqueline-martins/>. Acesso em: 28 mai. 2024.

[5] Seminário Avançado oferecido em 2023/1, de forma híbrida (presencial e virtual) e compartilhada entre os Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Brasil) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/Brasil), com a participação da Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF/Argentina) e Universidad de la Sabana (UNISABANA/Colômbia).

instituições brasileiras - UFRGS e UNISC e seus Programas de Pós-Graduação em Educação -, é parte de uma longa caminhada de pesquisadoras e pesquisadores integrantes do grupo de pesquisa Peabiru: educação ameríndia e interculturalidade (CNPq), grupo que tem investido em pensar(sentir), problematizar e, principalmente, construir ações colaborativas com os povos indígenas, como aspectos centrais de suas investigações. A pesquisa com coletivos indígenas através da ação de estudar, interrogar, se nutre da vivência transformativa da pesquisadora e do pesquisador, da experiência intersubjetiva do corpo no mundo, da linguagem e narrativas como ações de interrogar e pensar a pesquisa e a aprendizagem como diálogo e conversação.

As aulas do referido seminário foram desenvolvidas por meio de encontros presenciais em cada uma de nossas universidades e de forma híbrida (*online*) no âmbito interinstitucional, em que os grupos locais se conectaram, constituindo o que denominamos "encruzilhada", espaço-tempo em que caminhos e caminhantes se cruzaram, em diálogo e trocas. Nesse sentido, destacamos a potência do diálogo que entrelaça aldeias indígenas, universidades brasileiras e internacionais, pesquisa e ensino, compondo um sentir-pensar em torno de metodologias de pesquisa e aprendizagens com indígenas. São movimentos que se tornam mais fortes no espaço-tempo da academia, pois contamos com a presença de pesquisadores indígenas nos cursos de doutorado e mestrado destas instituições.

Realizamos, no decorrer do semestre, uma interface com temáticas e pesquisas que indagam e aprofundam a cultura negada, a pesquisa participante, os círculos de culturas, pesquisas colaborativas e interculturais, as narrativas germinais com crianças indígenas, as poéticas no âmbito da pesquisa.

Da necessidade de sistematizar e de afirmar a potência da contribuição indígena nas metodologias de pesquisas, propomos e organizamos este dossiê, assumindo a potência de virada epistemológica descolonizadora, dialógica e sensível, na qual os indígenas passam de pesquisados a autores, intelectuais que nos ajudam a confrontar um modelo de ciência ortodoxo dominante, racista e excludente, ainda predominante nos modos de pensar, de escrever e de autodenominar-se conhecimento.

Linda Tuhiwai Smith, intelectual indígena maori da Nova Zelândia, no livro Descolonizando Metodologias: pesquisa e povos indígenas (2018), faz severas críticas à pesquisa sobre povos indígenas, pontuando o papel colonizador de pesquisas e pesquisadores. Por meio de práticas racistas, essas pesquisas colonizadoras contribuíram para que o conhecimento científico ainda hoje seja discriminador e desvalorizador dos povos originários, fortalecendo o racismo epistemológico. Contudo, a autora destaca a importância das pesquisas desenvolvidas pelos próprios indígenas que ocupam espaços acadêmicos científicos já consagrados e, com suas presenças e autorias, mostram que a academia também é território indígena, território este que não se constitui sem luta. "De objetos de pesquisa, passamos a ser pesquisadores", diz Tuhiwai Smith (2018, p. 42), frase que também ecoa entre pesquisadoras(es) indígenas brasileiras(os). Pesquisadoras(es) não indígenas, diante deste processo de descolonização da pesquisa e suas metodologias, (re)aprendem a pesquisar com os indígenas,

em um movimento de construção intercultural dos conhecimentos e, ao mesmo tempo, de deslocamentos da branquitude.

Mas como adequar - ou enquadrar - o mundo indígena no mundo acadêmico? O que isso significa? A pesquisa, inclusive no modelo eurocêntrico, objetivista, branco e masculino ainda predominante, é representativo da e na academia. É o modelo escritocêntrico, que relega a oralidade para uma posição inferior; desconsidera as ambiguidades em nome da afirmação de certezas, que não se deixa habitar pela desordem, que nega as contradições e as oposições como se fossem posições errôneas. O pensamento indígena é, sobretudo, um sentipensar, pois considera a pessoa - pesquisadora ou pesquisador - em sua integralidade, em que comporta o pensamento mas, igualmente, o sentimento. Segundo Kusch (1999a)[6], a pesquisa se dá na vida, portanto é caos e ordem a um só tempo, visto que viver é o tênue equilíbrio entre ordem e caos. Kusch (1999a, p. 266/267), assim conjectura:

> Pienso que América oscila, en gran medida, entre esa franca subjetividad que nos afecta a todos, y que desciende a un simple 'me parece asi', y la actitud científica cuya rigidez es esgrimida precisamente para encobrir en cada uno de nosotros una subjetividad que no logramos canalizar. Pensemos sólo en la presión que una cultura importada ejerce sobre nuestro fuero interior, y la importancia, en cambio, que ese fuero tiene en la elaboración de una cultura propia.

Afirmando um pensamento próprio de América que se assenta na potente herança dos povos originários, Kusch recomenda prestar atenção no sentimento de "estar no más" que, segundo ele, é profundamente americano. Da mesma forma, o autor afirma a importância da afetividade nos modos indígenas de produzir e transmitir conhecimentos, nos conclamando a considerar a razão, mas, igualmente, a emoção, situação sintetizada na função complementar entre interioridade e exterioridade, embora afirme a predominância da primeira. Segundo Kusch (1999a), as decisões inteligentes ocorrem com a intervenção do coração, ao constatar que o termo corazón, en quechua, é considerado quase que uma faculdade psíquica. O coração "tiene el valor de un regulador intuitivo del juicio. [...] Se trata de una especie de coordinación entre sujeto y objeto, con el predominio de un sujeto total" (*Idem*, p. 304).

Diante destas concepções, como fazer caber no mundo acadêmico as metodologias indígenas, se estas apontam para um mundo de incertezas, de contradições, de múltiplas verdades? Eis as contradições que afloram quando falamos em pesquisas indígenas e com indígenas. Se, por um lado, ao territorializarem a academia com suas crescentes presenças, denunciam a violência de séculos de colonização, referindo especialmente as pesquisas "sobre" os povos indígenas, por outro lado, trazem os seus conhecimentos e as suas metodologias. Portanto, cabe à academia aceitá-las, valorizá-las, compreendê-las e dimensionar o quanto essas contribuições enriquecem e

[6] Importante filósofo argentino que pesquisou os saberes indígenas e populares.

complementam o mundo acadêmico. Mas também cabe a Academia se transformar a partir destes saberes. O mundo indígena ensinou e ensina a vida na América - Abya Yala, desde os primeiros europeus que aqui chegaram; ensinam, com seus métodos próprios, como pisar, caminhar neste solo, conversar com o rio, escutar a floresta, se relacionar com os animais, se comunicar com o solo... ou seja, como conviver com todos os seres. O mundo indígena, predominantemente contemplativo, ensina o mero estar, uma postura primordial de respeito e humildade na convivência com todos os seres do universo. O mundo indígena ensina o valor da diferença, ao considerá-la um valor e não um problema a ser apagado.

Mas insistimos na pergunta: como perscrutar essas metodologias e como significá-las no mundo acadêmico, compondo com elas um território plural de pesquisa? Como ressignificar a palavra e as práticas de pesquisa com e dos povos indígenas na academia? Compreendemos que não há uma única resposta, há modos diversos de constituirmos relações e aprendermos mutuamente. Para este dossiê, que nos apresenta pistas para esta aprendizagem, convidamos à publicação de artigos que contemplem reflexões acerca das complexidades e possibilidades que a pesquisa indígena e com povos indígenas dispõe para o campo das ciências humanas e da educação. O objetivo foi reunir trabalhos capazes de proporcionar reflexões tecidas no encontro com indígenas; reunir e divulgar metodologias que são e ou que surgem nos caminhos compartilhados das pesquisas; estabelecer diálogos acerca de caminhares diversos que se encontram; projetar futuros para as pesquisas a partir das memórias ancestrais indígenas. Ou seja, refletir sobre caminhos de pesquisa, a partir dos próprios pesquisadores indígenas e do encontro de pesquisadoras(es) caminhantes que pesquisam com coletivos indígenas.

Pensamos a descolonização numa perspectiva de escuta a pesquisadoras e pesquisadores indígenas que problematizam o próprio sentido de descolonização. Cusincanqui (2021) faz uma crítica ao discurso descolonizador, alegando que este não pode ser separado de uma prática descolonizadora. Da mesma forma, a pesquisa descolonizadora é pensada junto com indígenas e acontece numa relação íntima com o solo ameríndio, como modos de investigar que, além de confrontar o apagamento e a desvalorização das cosmologias indígenas, promovem um giro que requer uma atenção situada. A descolonização é um processo de mudança de ação e de linguagem, se dá no âmbito corporal, simbólico, numa relação mais aprofundada com os indígenas, numa escuta que requer compreensão histórica, sensibilidade e muita reflexão em torno da palavra, dos gestos, daquilo que provoca um outro ponto de vista, uma consciência do indígena habitando em cada um de nós.

Pensar as contribuições metodológicas de pesquisa com os indígenas e sistematizá-las provoca a revisão de conhecimentos, pois acreditamos que a alteridade indígena é um horizonte epistemológico e metodológico oposto à destruição colonial do mundo e da vida. A proposta e a indagação acerca de metodologias indígenas nos levam a um movimento em torno das práticas e saberes indígenas que possuem uma força de resistência e re-existêrncia milenar frente a condição colonial em que estamos enredados.

A descolonialidade é pensada pela Cusincanqui (2021) como um horizonte que se opõe à destruição colonial do mundo e da vida e como uma superação da negação dos territórios e lutas indígenas. Ressaltamos a importância de Kusch (1999b) quando afirma a geocultura e nos faz pensar a ideia de sujeitos com cultura em contraposição aos sujeitos sem cultura. No primeiro, identificamos os indígenas como tais sujeitos, que evidenciam os saberes de seus solos, numa educação fundada na terra e não buscam importar conhecimentos para sentirem que têm cultura. A decolonialidade abre uma compreensão de que estamos todos implicados numa subjetivação discriminatória e racista em um eixo moderno/colonial. E, justamente por isso, buscamos nos organizar numa tomada de com-ciência e com-sentimento em torno da significação do lugar indígena na ciência. Fato este que confronta a necessidade de escutarmos e aprendermos com os povos indígenas, num processo colaborativo, participativo e de aprendizagem mútua e, por isso, intercultural. Ou seja, um processo complementar e recíproco, que ocorre quando atuamos considerando a simetria das culturas, dos conhecimentos e das metodologias.

Diante de muitos questionamentos circulamos entre metodologias nomeadas como populares, colaborativas, interculturais e descolonizadoras. Era preciso para isso, entender mais o que significava cada um dos caminhos que percorremos e o que nos forneciam em termos de elementos teóricos, ferramentas conceituais e práticas (auto)formativas, assim como fazer uma reflexão profunda sobre a postura de quem, como e por que investiga. A pesquisa, desse modo, se mostrou não apenas um caminho para produzirmos conhecimentos, mas também um encontro com nossas próprias histórias, sempre em diálogo com outras histórias, muitas vezes invisíveis nos espaços em que pesquisamos - a universidade. Discutir metodologias implica questionar os espaços legitimados de investigação, questionar como formatam maneiras de produzir e sistematizar o que se produziu, assim como a autoria destas produções. Descolonizar metodologias significa, portanto, descolonizar espaços-tempos das instituições, questionar como validam saberes e os sujeitos que fazem parte deste processo. É frequente escutarmos por parte dos ditos “sujeitos da pesquisa” críticas sobre como seus saberes são usados e que, muitas vezes, não há sequer uma devolução a eles da pesquisa feita por meio de um diálogo respeitoso. Denunciam pesquisas e pesquisadores que aparecem em suas comunidades para extrair informações, para fazer a “coleta de dados” e depois desaparecem. Diante de um extrativismo intelectual em que os sujeitos da pesquisa compartilham seus saberes e não são vistos como autores, é urgente refletir os aspectos éticos da pesquisa e até mesmo, ressignificar o que seja ética desde a compreensão da ética intercultural (SALAS, 2010). Certamente, os procedimentos éticos em pesquisa em curso na academia, embora sejam importantes, ainda são concebidos e regulados sem a presença indígena, situação que nos questiona e nos faz pensar.

## Interculturalizar para descolonizar práticas de pesquisa

É urgente falar em descolonização porque ainda vivemos processos brutais de colonização impregnados nas estruturas das universidades e na forma como vivemos, pensamos e comunicamos a pesquisa. A interculturalidade é portanto um caminho necessário para rompermos a bolha eurocêntrica, responsável pela afirmação da racionalidade moderna-colonial. A colonização significou, antes de tudo, a des-coberta e a invenção da própria Europa, permitida através do encobrimento da alteridade presente em *nuestra* América. "[...] De manera que 1492 será el momento del 'naci- miento' de la Modernidad como concepto, el momento concreto del 'origen' de un 'mito' de violencia sacrificial muy particular y, al mismo tiempo, un proceso de '"encubrimiento' de lo no-europeo" (DUSSEL, 1994, p. 8).

O outro, não europeu era o bárbaro, o selvagem que não possuía conhecimentos, ciência, arte, religiosidade. Visto como não-ser (negados como existência) em relação a tudo que representava ontologicamente a Europa naquele momento, os povos que aqui viviam resistiram a estes processos violentos de morte de seus corpos e saberes. Contudo, essas resistências são apagadas da dita história oficial.

Da mesma forma, a interculturalidade é também um tema urgente para refletirmos a pesquisa. Percebemos que cada vez mais está presente em muitas áreas do conhecimento, bem como nos debates contemporâneos de um modo geral. Isso se dá porque vivemos, como muitos teóricos chamam, uma crise civilizatória. O modelo de civilização que se impôs ao planeta produziu violências, desigualdades, catástrofes socioambientais, enfim, vem destruindo a vida de seres humanos e não humanos.

Quando analisamos, por exemplo, a história ocidental que se impõe como a história, percebemos a tentativa de apagamento de outras possibilidades. É como se lugares que não fizessem parte da geopolítica ocidental eurocentrada não tivessem história nem pensamento, ou seja, não constituíssem uma civilização e estariam ainda na barbárie. A ciência moderna se fez na instauração do pensamento único (monocultural) e na defesa de um modelo de civilizacional capaz de produzir (em sua visão egocêntrica) o que há de mais desenvolvido no pensamento, nas artes, nas ciências.

Por isso, refletir desde a interculturalidade - interculturalidade como uma postura, uma prática - e não somente fazendo dela um tema de estudo, é desestabilizador e insurgente. Exige-nos outras linguagens, outros modos de organizar e constituir ideias, de produzir conhecimento. Segundo Kusch (1978), todo diálogo de alguma forma é intercultural.

> Un diálogo es ante todo un problema de interculturalidad. La distancia física que separa a los interlocutores y las vueltas retóricas para entenderse, refieren a un problema cultural. Entre los interlocutores tiende a hacer una diferencia de cultivo, pero no en el sentido del grado de culturalizacón logrado por cada uno, o sea, de que uno sea mas culto que otro, sino ante todo en el estilo cultural, o más bien, en el

> modo cultural que se ha encarnado en cada uno (KUSCH, 1978, p. 13).

Kusch, pensador que recorremos em muitos momentos nesta escrita, realizou investigações sobre o pensamento indígena e popular, inaugurando inclusive, no campo filosófico, um modo próprio de fazer pesquisa, incorporando (mas também reinventando) metodologias da Antropologia a partir do trabalho de campo que fazia. O autor nos fala que estamos, enquanto humanidade, imersos na cultura, compreendida aqui como um elemento que nos constitui como pessoa, mas também como coletivo. Ao colocarmos o mundo em diálogo confrontamos não somente posições, mas modos de estar. A interculturalidade torna-se assim caminho de aprendizagem, e para isso é preciso desaprender para aprendermos a aprender de outras formas. O diálogo intercultural nos tira da arrogância de que temos a chave de explicação e compreensão do mundo; que nossos conceitos, linguagens são suficientes para elaborar perguntas (origem do pensar e de toda ciência), mas também respostas aos problemas que vivemos.

Outro importante pensador da interculturalidade e que nos ajuda a entender os caminhos metodológicos a serem percorridos para vivê-la, é Raimon Panikkar (2006). Seu pensamento, carregado de autenticidade, nos apresenta um diálogo que incorpora as múltiplas dimensões de sua vida. Panikkar nos alerta que continuamos a ler o outro com os valores de nossa cultura. A interculturalidade requer sairmos de nosso "lugar" para irmos ao encontro de outros "lugares". Isso não significa abandonarmos nossa cultura, mas aprendermos inclusive, no encontro com o outro, a encontrar pontes possíveis de diálogo e de aprendizagem mútua, e com isso, reler nosso próprio lugar. A cultura assim, não é estática, é também criação de tradições. É desse modo, que Panikkar (2006, p.37-38) identifica cinco momentos distintos que resultam do "encontro" entre culturas.[7]

O primeiro momento, Panikkar chama de *isolamento*, ou seja, o total encerramento em uma cultura, olhando para si mesmo como centro do mundo e única possibilidade de existência. O segundo momento é a *indiferença* e, consequentemente, o desprezo, em que a cultura do outro não nos afeta e não tem nada a nos dizer. A indiferença torna-se também uma forma potente de negação do outro, sua invisibilidade e inaudibilidade faz com que o outro deixe de existir. Um terceiro momento, descrito por Panikkar, é a *condenação e a conquista* do outro, percebido como estrangeiro torna-se uma ameaça e deve ser suprimido. Não há uma invisibilidade, mas uma construção de uma identidade feita desde a leitura do colonizador. O quarto momento é o da *coexistência:* há o "reconhecimento" do outro, e por isso, tolera-se sua existência. Tolerar é suportar, e nesta perspectiva, as fronteiras políticas e territoriais são bem definidas. O último e mais importante momento para refletirmos a interculturalidade é a *convergência e o diálogo,* em que o encontro se dá na busca da complementaridade, em que todos que fazem parte desta relação possuem importância e tem algo a ensinar.

[7] Colocamos aqui encontro entres aspas, pois estes momentos não representam encontro no sentido ético da palavra, mas profundos desencontros.

Pensamos que para imaginar caminhos interculturais na universidade e na Educação como um todo, necessitamos de uma profunda abertura ao outro, feita por meio do diálogo. O pensar objetivo e mesmo subjetivo não nos permitem esta abertura, que segundo Panikkar, somente é possível pelo pensamento simbólico. “Esta compresión no es conceptual (los conceptos pueden ser incompatibles), sino simbólica - lo que implica una cierta empatía y participación en un universo simbólico que no es exclusivamente epistemológico” (PANIKKAR, 2006, p. 46).

O método próprio da interculturalidade é o diálogo dialogal, em que não há regras antecipadamente feitas para ordenar o diálogo, regras estas que sempre são ditadas a partir de um lugar cultural. O diálogo é seu acontecer mesmo, pois “la vida humana no se reduce a su comprensión lógica” (PANIKKAR, 2006, p. 49). É assim que o encontro acontece, uma aventura ao desconhecido, por isso escapa a todas as regras, condições e conceitos pré-estabelecidos de compreensão. O encontro intercultural é palavra e escuta, presença que é presente, mas também passado e futuro. No encontro profundo muitos e muitas estão presentes, mesmo que seus corpos não estejam ali. Somente a escuta do coração nos permite perceber tal presença. A interculturalidade, portanto, não é apenas encontro com humanidades, mas com a vida em suas diferentes formas e linguagens. Se a pesquisa que se pretende intercultural não assumir essa densidade, não será intercultural.

## O dossiê

Os artigos que compõem o dossiê apresentam escritas sensíveis, aprofundadas nos territórios indígenas do Brasil, da Colômbia, dos Andes e trazem saberes de muitos recantos. Os textos reforçam elementos densos para pensarmos as contribuições dos indígenas nos modos interculturais de pesquisa, abrangendo a riqueza da pluralidade das vozes e alteridades das línguas que os indígenas vivem. Aparece a densidade de conhecimentos, expressões de linguagem cosmológica, da natureza e de línguas indígenas, bem como a elaboração de narrativas pautadas nas oralidades, na escuta e nas escritas conjuntas.

No contexto dos artigos que compõem o dossiê, aparece o que consideramos ser necessário para uma descolonização nas metodologias de pesquisa, uma postura reflexiva e intercultural com os povos Mbya-Guarani, Guarani e Kaiowá, Guarani Nhandewa, Kaingang, Anacé, Wayuu, Pataxó, Tukano, Macuxi, Desana, Wassu Cocal, Pankaruru, Baniwa ou Madzeniakonai, Cariri, Potyguara, Atikum, Gavião, Tremembé, entre outros tantos. São povos que vivem no altiplano, região andina da América, no coração da amazônia, nas regiões Sul, Nordeste, Norte, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. São muitas línguas, linguagens e culturas. Nos textos, autoras e autores mostram e revelam situações e considerações em torno de processos de pesquisa que emergem da interculturalidade com os indígenas e de um processo denso e maduro de sentipensar a partir da experiência de pesquisa intercultural. São reflexões que provocam pesquisadoras e pesquisadores não indígenas a se interrogarem, assumindo lugares do não saber, pleno de contradições, de

perguntas e de encantos pelas novas (des)aprendizagens. Há uma revelação de trajetórias em desconstrução – processos para (re)pensar e (re)aprender de novo, no qual vai nos fazendo escutar o que dizem os pesquisadores indígenas num processo de diálogo interepistêmico, nos fazendo considerar o sentido de pesquisa descolonial, em uma escuta e em um fazer com os próprios indígenas.

Abrindo o dossiê, temos o texto de Josef Estermann, que nos desafia a uma desconstrução intercultural e decolonial para considerar as epistemologias andinas, embasadas na cosmovivência e na filosofia dos povos indígenas do altiplano de América. Na sequência, o artigo *Os Tehêys Pataxoop e as Belas Palavras Guarani: educação e divulgação de ciências físicas e humanas (com) perspectivas indígenas*, fruto de uma elaboração coletiva, dispõe reflexões que contribuem na construção de caminhos metodológicos de pesquisa com indígenas, na relação intercultural com os paradigmas das ciências físicas (astronomia e física) e humanas (geografia e história). Seguindo na leitura, encontramos o artigo que aborda a relação entre seres humanos e espíritos da natureza: Wa'í Mahsã Me'ra Mahsã Deró Nisetiró. A escrita compartilhada reflete o esforço de diálogo e vivência de um autor indígena do povo Tukano e uma autora não indigena da academia, em um trabalho de aconselhamento durante os estudos de doutorado.

No próximo artigo, o exercício metodológico desde a sabedoria da cerâmica do povo Macuxi nos convida para caminhar rumo à interioridade, a conhecer e respeitar o conhecimento visível e invisível deste povo, conhecimento que dialoga com as vozes da física quântica e da complexidade. Na sequência, duas pesquisadoras da academia, uma brasileira, outra colombiana, vivenciam metodologias da pesquisa com mulheres do povo Wayuú, na Colômbia, que "proponen la mochila Wayuú y el ritual del encierro como metáforas del camino metodológico vivenciado".

Partindo da compreensão de que as metodologias indígenas, desenvolvidas e produzidas em interação com a comunidade, possam ser uma ferramenta importante e significativa no sentido de colaborar com o campo da pesquisa acadêmica, o artigo posto na continuidade do dossiê convida a pensar o decolonial "desde" e "com" os povos Guarani e Kaiowá. Na sequência, um artigo tecido coletivamente, apresenta o grupo de pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA), formado por pesquisadores(as) indígenas, com a participação de não indígenas. Apresentam as ações do grupo, as metodologias desenvolvidas a partir da concepção Tehêy, do povo Pataxó, bem como os significados deste grupo para seus (suas) participantes.

Em Metodologias colaborativas nas pesquisas com educação e povos indígenas, um pesquisador Kaingang e uma pesquisadora não indígena vinculada à academia, relatam a história de um processo de aprendizagens compartilhadas na produção de uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Na mesma trilha, um pesquisador Kaingang e uma pesquisadora não indígena refletem acerca de seu caminhar conjunto na academia, mostrando aprendizagens ancestrais que constituíram a metodologia *Vãfy*, inspirada na trama da arte e no trançado cultural, referendando os princípios filosóficos de oposição e complementaridade contidos na narrativa de origem do povo Kaingang. As reflexões epistemológicas a partir de trajetória de

pesquisa com os Anacé contemplam o artigo que vem na sequência, evidenciado os limites, as possibilidades e os aprendizados no trabalho e na pesquisa com povos indígenas.

Uma experiência de Pesquisa Ação Participante com saúde mental e diversos povos indígenas de um estado do Nordeste do Brasil constitui a narrativa do próximo artigo. A partir de lentes interseccionais e interculturais que considerem os saberes e práticas ancestrais na produção de conhecimento, os pesquisadores apontam caminhos possíveis para a descolonização de práticas de pesquisa. Diferentes olhares sobre os fenômenos naturais no ambiente tropical - Sudoeste do Amazonas (Acre) é o tema do artigo que segue, baseado em uma experiência de formação de professores indígenas na disciplina de Geografia. Finalizando o dossiê, professoras Mbya-Guarani e professoras não indígenas se encontram na busca de novas relações entre universidades, escolas e comunidades indígenas. Nesse encontro, reconhecem tensões e conflitos, mas também possibilidades para pensar e construir outras formas de compreender a educação, as relações de alteridade e o papel da academia, tendo como metodologia o “nhemongueta”.

Por fim, apresentamos a arte que foi escolhida como capa do dossiê, também capa deste número da revista Espaço Ameríndio, produzida por Ana Luisa Teixeira de Menezes, uma das organizadoras do dossiê. A pintura é parte de um processo de produção de imagens que emergiu de estudos e de uma simbolização da caminhada da mulher na história de criação da vida guarani, impulsionando um pensamento imagético. A imagem da capa é uma amplificação simbólica de uma longa vivência com o pensamento Guarani, num processo intercultural subjetivo que atravessa a dimensão puramente racional. Destacamos a imagem da capa como uma experiência intercultural na perspectiva de Kusch (1999a), ativada a partir da alteridade indígena, um modo de estar e pensar sensível, plural e profundo.

Por fim, desejamos uma boa leitura. Que as palavras postas neste dossiê, assim como as imagens, possam ressoar em muitos espaços de pesquisa, abrindo caminhos para metodologias interculturais.

**Referências bibliográficas**

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia:** más allá del arte…el mundo de lo sensible. Buenos Aires: Del signo, 2017.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakak utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. Traduzido por Ana Luiza Braga, Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 edições, 2021.

DUSSEL, Enrique. 1**492 El encubrimiento del Otro**: Hacia el origen del "mito de la Modernidad". La Paz:Plural editores: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación –UMSA, 1994.

KUSCH, Rodolfo. **Esbozo de una Antropología Filosófica Americana**. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1978.

KUSCH, Rodolfo. **El pensamiento indígena y popular en América**. In. Obras completas, Tomo II (p. 255-546). Rosário, Argentina: Editorial Fundación Ross, 1999a.

KUSCH, Rodolfo. **Geocultura del hombre americano**. In. Obras completas, Tomo III (p. 5-240). Rosário, Argentina: Editorial Fundación Ross, 1999b.

PANIKKAR, Raimon. **Paz e Interculturalidad:** una reflexión filosófica. Barcelona: Herder Editorial, 2006.

SALAS, Ricardo. **Ética Intercultural**: (re)leituras do pensamento Latino-Americano. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2010.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas.** Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

---

Recebido em: 25/08/2024 * Aprovado em: 26/08/2024***** Publicado em: 31/08/2024

---